

# 35/ A pneumonia apareceu no DF

BRASÍLIA  
AGÊNCIA ESTADO

O presidente eleito Tancredo Neves teve pneumonia no pulmão direito, quando ainda estava em Brasília; sua saída da sala cirúrgica na primeira operação foi retardada em duas horas, porque a temperatura estava bastante elevada, os batimentos cardíacos chegaram a 160, foram muitas as dificuldades respiratórias e havia secreção pulmonar; a certeza de que o material extraído na primeira cirurgia era um leiomioma (tumor benigno) e não o divertículo veio apenas com o resultado do exame patológico, concluído há dez dias, quando então o diagnóstico definitivo foi passado para o prontuário.

Estes e outros pontos que ainda estavam obscuros sobre o tratamento de Tancredo Neves em Brasília, manipulados pelo governo e pela família do presidente eleito na divulgação para o público, poderão ser definitivamente esclarecidos oficialmente em duas oportunidades. Os médicos do Hospital Distrital de Base estão aguardando, até ansiosos, que o Conselho Regional de Medicina os convoque para esclarecimentos, e solicite uma história do prontuário, e aí teriam uma oportunidade de ampliar a divulgação das provas sobre a correção dos procedimentos médicos aqui adotados. A segunda oportunidade surgiu ontem, quando alguns parlamentares vinculados à Comissão de Saúde manifestaram o desejo de convocar todos os médicos que assistiram Tancredo Neves para prestar os esclarecimentos que os deputados julguem necessários, em sessão secreta da Câmara. Pretendem, por isso, discutir a possibilidade com a cúpula do Congresso Nacional.

A mais nova crítica feita aos médicos brasilienses é do diretor da Divisão Clínica Radiológica do Hospital das Clínicas de São Paulo, Álvaro de Magalhães, para quem a morte do presidente eleito foi precipitada pela cirurgia feita em Brasília; se a primeira operação tivesse sido feita em São Paulo, segundo ele acredita, o desfecho seria outro. A equipe brasiliense recusou-se a discutir essa opinião, ontem, alegando que o diretor da clínica radiológica não acompanhou o paciente no pré-operatório, não o examinou antes da cirurgia e não participou da cirurgia. Quanto à modéstia do Hospital de Base, também alegada pelo diretor, os médicos comentam que, dos aparelhos utilizados no presidente no Incor, o HDB não possui apenas a gamacâmara, e que há casos que os aparelhos não resolvem.

Outras questões graves, entretanto, que ainda permanecem obscuras, os médicos responsáveis, pelos boletins de Brasília querem esclarecer apenas oficialmente. O doutor Renault de Mattos Ribeiro foi até mesmo rispido: "Vocês querem erro médico, e como não houve erro médico não tenho nada para falar" — disse ele, antes mesmo de saber qual seria a pergunta do repórter. O doutor Pinheiro da Rocha pediu para não falar agora, pois sua mãe está na UTI do Hospital de Base, vítima de segundo enfarte, e está concentrado nisso. Mas outros médicos que estiveram próximos do presidente eleito identificam dois erros, todos de comportamento e todos pré-operatórios: não haverem revelado ao público o real estado de saúde de Tancredo Neves que estava com uma infecção brutal que impedia até o toque do abdômen, e não terem obrigado o presidente eleito a operar-se na quarta-feira, 72 horas antes de a infecção haver chegado àquele ponto.

Tancredo Neves lutou até o fim para não ser operado, foi para o hospital porque o enganaram, informando que ia apenas tomar soro, e quando viu que não tinha mais jeito ainda tentou convencer os médicos, segundo os que o ouviram: "Às cinco da manhã vou em casa, tomo um café, visto um terno, discurso 15 minutos e desço a rampa do palácio mais depressa do que Figueiredo quer descer, voltando correndo para operar". Ainda depois de concordar, saindo para a sala cirúrgica, o presidente eleito advertiu: "Tem certeza do que está fazendo, doutor Renault?"

O tumor benigno retirado na primeira cirurgia não era sessil (uma bola que apenas tange o intestino), era pediculado (compõe a alça do intestino). Dessa forma, o quadro infeccioso nele localizado também tinha contato com a alça, sinais de necrose em cima e, por pediculado, podia tanto ser o divertículo como o leiomioma, como um leiomiossarcoma, as três suposições que constaram do prontuário.

Somente depois, há dez dias, o diagnóstico definitivo entrou para o prontuário do presidente eleito. Esse prontuário é que poderá esclarecer que desde o início a situação era gravíssima: os intestinos nunca funcionaram bem, Tancredo esteve sempre na UTI, jamais os médicos falaram em alta, as febres e os batimentos cardíacos sempre foram elevados, sempre houve secreção pulmonar, houve pneumonia.